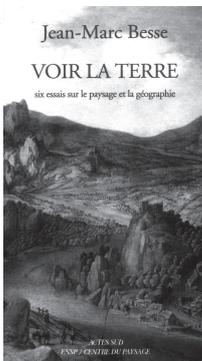


FOTO: REPRODUÇÃO



VOIR LA TERRE — six essais sur le paysage et la géographie,
de Jean-Marc Besse. Arles: Actes Sud / ENSP / Centre du Paysage. 2000.

Resenha A PAISAGEM VIVENCIADA | por Vladimir Bartalini

Professor doutor
FAU CEATEC PUC-Campinas e FAU-USP
vladbart@uol.com.br

A PAISAGEM VIVENCIADA

Paisagem é uma noção bastante difundida e amplamente reconhecida pelo senso comum. Ainda que a palavra que a designa, e portanto seu próprio conceito, tenha se forjado apenas no despontar da modernidade, os séculos transcorridos desde então foram suficientes para sua naturalização, como se ela sempre tivesse existido e não fosse uma criação cultural. Hoje, sobre paisagem pode-se dizer tudo e nada, comentava Guido Ferrara, em 1968, na introdução a *L'architettura del paesaggio italiano*, pois é assunto que admite tanto um tratamento trivial quanto complexo. A paisagem pode ainda ser entendida como um fato objetivo, real, passível de análise, relacionado ao “mundo da ciência”, ou como um fenômeno, isto é, como “coisa sensível”, pertencente ao “mundo percebido”, nos termos de Merleau-Ponty (2004). Trata-se, enfim, de um conceito dependente de tantas acepções quantas forem as disciplinas ou práticas – Geografia, Antropologia, História, Psicologia, Arquitetura, Pintura – que tomam a paisagem como objeto ou como tema.

A ampla gama de significados implícitos na paisagem está presente nos ensaios escritos por Jean-Marc Besse, reunidos no pequeno livro *Voir la Terre – six essais sur le paysage et la géographie* [*Ver a Terra – seis ensaios sobre a paisagens e a geografia*], publicado em 2000. Não se trata, porém, da exposição enciclopédica de diversas definições de paisagem nem da evolução desse conceito no tempo, e sim da experiência vivenciada no contato com a paisagem e das questões suscitadas por essa experiência. Quem são

os protagonistas dessas situações? Poetas, escritores, artistas, mas também cientistas, geógrafos e filósofos.

O próprio autor é filósofo e dirige o Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) de Paris. Seu interesse está voltado para a história e a epistemologia da geografia, bem como para as questões da paisagem e do ambiente na cultura contemporânea. Daí provém a habilidade com que percorre espaços e tempos tão distintos, como os de um Petrarca, um Brueghel, um Goethe, e mostra a persistência e atualidade de certas questões colocadas por Humboldt, Vidal de La Blache, Eric Dardel e Charles Péguy.

Como os ensaios não visam ser didáticos mas, antes, indagativos, a seqüência em que vêm apresentados não precisaria seguir uma cronologia linear, embora sua concatenação convide ao envolvimento, como no drama. Assim, começar com Petrarca é plenamente justificado, e pode-se, na sucessão dos demais ensaios, acompanhar o andar da história, mas não para encontrar sinais que atestem uma trajetória evolutiva da noção de paisagem, nem para proceder a uma comparação valorativa das diversas posições assumidas diante dela. O importante, para Jean-Marc Besse, é registrar as inquietudes que afetam cada um dos autores abordados ao se depararem com a paisagem.

O ensaio de abertura centra-se na aventura de Petrarca que, buscando a unidade entre o eu e o mundo, ou, em outras palavras, resolver a cisão entre o interior e o exterior, empreende a subida a uma montanha, nos Alpes franceses, de onde usufrui a visão do alto, panorâmica, dominadora. A atitude de contemplar a natureza, ou a “ordem do mundo”, de um ponto elevado não é estranha a uma certa teoria do cosmo, lembra-nos Jean-Marc Besse, embora seja transgressora em relação aos padrões medievais.

Mas a conquista do cume e da vista que dali desfruta não se reveste de glória. A escalada é difícil, e, ao evitar, por comodismo, os caminhos mais íngremes, no entanto mais diretos, que conduzem ao alto, Petrarca está sempre a retardar a consecução de seu objetivo. Recrimina-se, assemelhando os subterfúgios do corpo fatigado à fraqueza moral, pela preguiça que o impede de fazer o que deve ser feito: chegar às alturas, onde reside a beatitude, e, assim, engrandecer a alma e atingir a pacificação ansiada.

Por fim, alcança a meta, mas não a solução de suas angústias. A visão extensa da paisagem não lhe traz a tranqüilidade procurada; ao contrário, reaviva-lhe as culpas por ter se deixado dominar pela concupiscência do olhar, já condenada por Santo Agostinho. A ambigüidade de sentimentos que acomete Petrarca – o desejo de pacificação interior, que o impulsiona a escalar a montanha e ver o mundo de cima, e a insatisfação ao atingir o cume, que o compele a se deslocar continuamente para outros lugares – marcará a experiência moderna diante da paisagem.

Somos, assim, lançados no mundo, impelidos a explorar esta Terra, da qual nos separamos, a percorrê-la como peregrinos, sem morada fixa, ávidos por tudo o que se apresenta diante de nós, mas também insaciados e apreensivos.

O campo está preparado para Brueghel, o cenógrafo da Terra, subir ao palco. Jean-Marc Besse trabalha, nesse segundo ensaio, as relações entre cartografia e pintura, uma variante do tema de sua tese de doutorado sobre cartografia e geografia no Renascimento.

A paisagem como “teatro do mundo” vem aqui explorada na riqueza de seus sentidos, postura aliás recorrente nos vários ensaios. A imagem da Terra, ou seja, de tudo que se vê sobre ela, recorre ao teatro até mesmo para ser denominada, como no próprio título, *Theatrum orbis terrarum*, do famoso Atlas produzido por Abraham Ortelius, na segunda metade do século XVI. Nele desfila a multiplicidade composta pelos rios, mares, montanhas, rebanhos, selvas, cidades e os diferentes tipos de sociedades humanas. É a contemplação da “ordem do mundo”, agora possibilitada não só pelo intelecto nem pela visão direta a partir do cume de uma montanha real, mas pela sua representação em cartas, verdadeiras pinturas de paisagem, apreciadas no espaço de uma sala.

Mas o recurso ao teatro faz que também uma nova relação sujeito-objeto se estabeleça: a Terra, apresentada como totalidade, é percebida a distância por um observador que precisa se separar dela para melhor compreender o vínculo que o une a ela. E o sujeito, que é espectador, ao mesmo tempo faz parte do espetáculo.

É nesse ponto que se pode surpreender a correspondência da cartografia com a pintura de paisagem, mais especificamente com a série *Grandes paisagens*, realizada por Peter Brueghel quase uma década antes de Ortelius empreender o *theatrum orbis terrarum*. As paisagens de Brueghel, normalmente registradas de um ponto de vista elevado, expõem as feições topográficas da Terra, suas variações climáticas, seus rios e florestas, aves e rebanhos, a diversidade dos atores que a habitam, trabalhando-a, percorrendo-a. No primeiro plano, há sempre um espectador, de costas ou de perfil, como se fosse nosso representante, a contemplar o panorama que se descortina.

O ato teórico de observar a “ordem do mundo” do alto funde-se agora com a percepção estética, sensível e prática da paisagem, por parte de quem a contempla. Esse espectador, que faz parte da cena, é, contudo, um ser estranho a ela, alguém que vem de fora: é preciso ser viajante para conhecer o vasto mundo. Sabemos, porém, que as amplas paisagens de Brueghel abertas ao caminhante, embora revelem um mundo habitado, vivido, não se prestam a magnificar os homens, antes mostram-nos em sua pequenez diante de uma natureza que, se não ameaça, é no mínimo indiferente a esses andarilhos sem descanso.

Jean-Marc Besse nos faz então acompanhar um viajante especial, em sua passagem por um país também especial: Goethe na Itália. Ao contrário de Petrarca em sua aventura nos Alpes franceses, Goethe se reencontra na paisagem italiana. Tal reconciliação do eu com o mundo exterior se estende para outras esferas, como as relações entre arte e natureza, entre a parte e o todo de um modo geral.

Trata-se de um reencontro possibilitado pelo ambiente cultural da época e, é claro, pela formação intelectual do protagonista, mas particularmente pelas paisagens pintadas

por Claude Lorrain, cuja harmoniosa unidade leva Goethe a refletir sobre a unidade presente na própria natureza. O paralelo se estabelece, por parte da pintura, pelo efeito da “luz vaporosa” que tudo integra, do primeiro ao último plano. Tudo é diverso e uno ao mesmo tempo. As coisas se passam como se as paisagens de Claude Lorrain fossem a tradução visual da natureza primitiva, original, que, a partir de um elemento simples, desenvolve toda a diversidade conhecida.

Assim, envolvido pelo tema da unidade, que a imersão afetiva na paisagem italiana, via Claude Lorrain, propicia, Goethe nota o reavivar de seu antigo interesse pela busca da “planta primitiva”, da qual todas as demais espécies teriam derivado. O mesmo tema da unidade o motiva também a prosseguir nas reflexões sobre a luz e a cor, em radical oposição às formulações da teoria newtoniana. Contrapondo ao estudo quantitativo, analítico e abstrato da luz e da cor, a valorização da experiência sensível diante de seus efeitos, Goethe reata termos opostos, abstratos e invisíveis – a total clareza e a total escuridão – numa unidade, num Todo, que é manifestado, ou seja, deixa-se perceber, pelas cores.

Dai decorre a exigência de um “meio material”, ou “meio turvo”, para que o mundo se torne real e se ofereça à experiência humana. No entanto, embora particulares, tais “fenômenos”, por procederem de um “fenômeno primordial”, carregam-no em si e possibilitam uma intuição de totalidade.

A apreensão estética da paisagem italiana e, mais ainda, claudiana é, para Goethe, o veículo que lhe permite tanto o enlevo quanto a reflexão sobre o mundo, levando-o a considerar que a paisagem, ao mesmo tempo que é particular, remete ao todo, tornando-se, assim, também universal.

Por tudo isso, soam um tanto estranhos os comentários mais ou menos críticos, nos parágrafos iniciais do quarto ensaio, a respeito de uma redução contumaz da paisagem a uma representação de ordem “simplesmente” estética, que teria sido operada pelo pensamento moderno. Nada há de obrigatoriamente simples, ingênuo ou beato, na apreensão estética da paisagem. Mas logo se esclarece o ponto que Jean-Marc Besse quer ressaltar. Ele busca, de fato, rebater as posições excludentes que opõem arte e ciência, sensibilidade e razão, e que negam a possibilidade do estudo científico da paisagem, por ela ser uma noção de ordem estética.

O visível não é só representação, mas revela também algo real, objetivo. Ele não diz respeito só aos fenômenos primordiais, mas inclui a segunda natureza e também a terceira, conforme expressão já utilizada por Bartolomeo Taegio e por Jacopo Bonfadio (Hunt, 2000, p.32) em meados do século XVI, o que, por sinal, não passou despercebido por Goethe.

De qualquer modo, uma outra chave de leitura da paisagem é possível. Ela se presta sobretudo ao conhecimento e à intervenção, interessando, assim, aos geógrafos, historiadores, cientistas sociais, planejadores, arquitetos e paisagistas.

Mas esse olhar “objetivo” não deve ser confundido com dissecação analítica, ou melhor, não se detém nela. Se se procede à análise, é com o compromisso de recompor o todo num outro patamar de compreensão. É pelo conceito de fisionomia, tradicionalmente presente nos estudos geográficos, e de forma explícita em Alexandre von Humboldt e Vidal de La Blache, que se preserva o sentido original de uma paisagem, ou seja, sua identidade.

Jean-Marc Besse chama a atenção para uma importante implicação decorrente desse conceito: tendo fisionomia, a paisagem é dotada de expressão, cumprindo ao estudioso interpretá-la, o que pressupõe uma “hermenêutica paisagística”. Mais ainda, para ser interpretada, a paisagem precisa ser observada diretamente, ao vivo, para o que se faz necessário “saber viajar e saber olhar”.

O mote da experiência vivenciada e da viagem continua assim em plena validade, ainda em um ensaio que, à primeira vista, parece tender a uma aproximação positivista da paisagem ou, ao menos, mais interessado nas ferramentas que permitiriam o conhecimento dito objetivo. Na verdade, a abordagem fenomenológica está sempre a respaldar as colocações do autor.

Não admira, então, que o quinto ensaio trate abertamente das relações entre fenomenologia, geografia e paisagem. Como estudioso da história e da epistemologia da geografia, Jean-Marc Besse parece, em princípio, incomodado com as colocações de Erwin Straus – neuropsiquiatra alemão que propôs, nos anos 1930, uma psicologia fenomenológica – quanto à impossibilidade de haver alguma passagem entre a paisagem, que é do “mundo da sensação”, em que sujeito e objeto se confundem, e a geografia, do “mundo da percepção”, em que se opera a distinção entre o sujeito que vê e o objeto percebido.

A experiência da paisagem é, para Straus, a da desorientação, da ausência de referências. Ela pressupõe opacidade e não visão panorâmica. A geografia convencional a existência de um centro ao qual tudo se refere. Na paisagem, esse centro absoluto não existe; o centro somos nós mesmos e ele se desloca à medida que nos deslocamos. Não se pode habitar a paisagem pela reflexão, segundo Straus. Ao envolver-nos, ela nos coloca em contato direto com o mundo original, onde o que se apresenta como referências são Terra e Céu, ou as oposições próximo / distante, horizontal / vertical, centro / periferia. É essa experiência de contato com o mundo anterior a toda reflexão que a paisagem nos proporciona.

O autor fica intrigado, pois essa imersão no mundo não é estranha à geografia, uma vez que ela é, ao mesmo tempo, ciência e experiência vivenciada, como se pode constatar pelos procedimentos e recomendações que persistem, seja em Alexander von Humboldt, seja em Vidal de La Blache, e mesmo em Max Sorre: viajar, ver, envolver-se.

A saída proposta por Jean-Marc Besse é desviar o foco do lado “positivo” da geografia e considerar sua contribuição não para o saber sobre o mundo, mas sim para a indagação sobre nossas relações com o mundo. Cria, assim, a oportunidade para introduzir Eric

Dardel, geógrafo francês, que publicou, em 1952, o livro *L'homme et la Terre*, onde tais indagações estão presentes.

Dardel procura recuperar a relação geográfica original do homem com a Terra, pela suspensão do discurso científico. Opõe o espaço geográfico – diferenciado, singular – ao espaço geométrico – abstrato, neutro. O espaço geográfico, que é espaço vivido, não foi criado por uma ciência a que se deu o nome de geografia, mas é constituinte da própria experiência humana sobre a Terra. Há uma “geograficidade” nas relações do homem com a Terra, como condição indispensável à sua realização, e é pela paisagem que essa “geograficidade” se expressa.

Para Dardel (1990, p.44), “a paisagem não é, em sua essência, feita para ser vista, mas é inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida...”, o que a reveste de uma “tonalidade afetiva”, plenamente válida, embora não passível de redução científica (ibidem, p.42), Mas não se deve concluir, apressadamente, que Dardel dispensa a compreensão estética da paisagem. Pelo contrário: “a compreensão total do mundo ... não pode deixar de ser também moral, estética, espiritual” (p.133).

“A paisagem não é um círculo fechado, mas um deslocamento ... é uma saída para toda a Terra, uma janela aberta a possibilidades ilimitadas: um horizonte” (p.42). Dardel atribui, enfim, uma dimensão existencial à paisagem, que Jean-Marc Besse explora no posfácio da reedição de *L'homme et la Terre*, o que torna quase natural que o ensaio final seja “Paisagem e Filosofia segundo Péguy” (p.144-7).

De fato, Charles Péguy enfatiza a filosofia como ação e ressalta a importância de escolher a “boa posição” para situar-se no mundo. Para falar sobre esse posicionamento, Péguy trabalha como um estrategista num campo de batalha. Mas não se trata de um campo aberto; é antes uma floresta. Mover-se na floresta exige acuidade dos sentidos, atenção aos acidentes do percurso, abertura para o que vier ao encontro, enfim, envolvimento. A paisagem seria, assim, o que se desvenda no caminhar, o transitório e, importante para estabelecer a relação com o ensaio anterior, seria também uma promessa.

No encadeamento dos ensaios de Jean-Marc Besse sobre paisagem e geografia, em que pese a diversidade das abordagens, percebe-se a insistência numa mesma questão. Ela está presente na angústia de Petrarca ao constatar a irreversível ruptura entre o eu e o mundo; nas grandes paisagens em que Brueghel expressa, simultaneamente, a distância e o envolvimento do homem com a Terra; no vislumbre de uma totalidade que Goethe e Humboldt intuíram na paisagem; na reivindicação, por parte de Dardel, de uma verdade presente nas aparências sensíveis, isto é, nas paisagens; no pensamento em intimidade com o fazer, no *húmus*, defendido por Péguy. Trata-se da questão que Jean-Marc Besse assim sintetiza no final do prefácio de *Voir la Terre*: “como é possível habitar o espaço? O que é uma vida que toma a forma do espaço, e o que ela deve fazer para não se perder nele?” (p.12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARDEL, E. *L'homme et la Terre*. Paris: Editions CTHS, 1990.

FERRARA, G. *L'architettura del paesaggio italiano*. Pádua: Marsílio Editori, 1968.

HUNT, J. D. *Greater Perfections, The Practice of Garden Theory*. Slovenia: Thames & Hudson, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.